

*Demo*

*O meu namorado era*

*o Dizeito, mas*

**O cabrão**

**traiu-me.**

*Antoine Canary-Wharf*

**Este demo está protegido e reserva  
todos os Direitos de Autor.**

**A obra deste demo foi iniciada no  
dia 25 de outubro de 2019 e foi  
registada no dia 14 de fevereiro de  
2020.**

**Se neste momento, por algum  
motivo, não puder comprar o livro  
do autor, a Jupiter Editions sugere  
que faça um donativo ao autor para  
o IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

# A Jupiter Editions apostou em 9 livros de novos 9 autores.

O principal objetivo do donativo é a proteção da qualidade de escrita.

Por defeito, se os donatários nada disserem sobre o destino a dar, o donativo será 99% para os autores, cabendo 11% a cada um dos 9 autores e o 1% remanescente será destinado à filantropia da Jupiter Editions como a Plantação de Árvores, o Combate à Fome ou o Combate ao Lixo. O donativo pode ser feito por conta de qualquer um dos fundos que a Jupiter Editions pretende abrir e desenvolver. O donativo pode ser destinado 100% a um autor ou a uma missão.

O donativo pode ser anónimo, mas a Jupiter Editions sugere ao donatário que se identifique, sobretudo, se financiar a voz de um dos autores, para que o autor possa agradecer em nota pessoal. Basta enviar um email para [manager@jupitereditions.com](mailto:manager@jupitereditions.com) com o assunto DONATING e com o comprovativo da transferência bancária.

Se o donativo for destinado a um autor e se com o comprovativo da transferência for ainda anexada alguma fotografia ou mensagem do donatário, a Jupiter Editions obriga-se a reencaminhar o email ao autor.

Por favor, veja a nossa Política de Privacidade, para saber como é que os seus dados são tratados pela Jupiter Editions.

A Jupiter Editions não cede, nem vende os seus dados a nenhum parceiro.

**A Jupiter Editions só pode ceder os dados dos Member Readers que tenham aceitado que uma determinada empresa ou parceria comunicasse com os Member Readers.** Se uma nova parceria for aprovada pelo Centro Ético de Negócios e Parcerias Sustentáveis Para o Futuro, a Jupiter Editions pergunta na Conta Jupiter aos Member Readers interessados em facultar os seus dados à nova parceria, explicando aos Member Readers a importância dessa mesma parceria. Quando as empresas parceiras/ parcerias contactarem os Member Readers, logo no 1º contacto devem anunciar a parceria com a Jupiter Editions, para que o cliente consiga ver com nitidez as parcerias e a sua importância para a sustentabilidade das empresas num mercado altamente competitivo.

©Jupiter Editions

# 2080

*Antoine Canary-Wharf*

Registo n° 349/2020 **SIIGAC/2020/843** DATA: 2020.02.14

**JUPITER EDITIONS**

**Print Your Heart with Jupiter Editions®**

## Siga o autor @antoinecanarywharf

(...)

— (...) Vi também um decreto que queria ser uma lei de um concurso público que dizia que quem queria concorrer para guarda florestal não podia ter cáries????????? Mas qual era ligação de uma coisa com outra? Se ainda fosse um piloto ou um mergulhador eu percebia e via a ligação, porque a pressão pode interferir num dente que esteje cariado. Mas qual era ligação de uma coisa com outra? E tive de ver estas ligações sem sentido nenhum, e foi tudo ao mesmo tempo que tive de ver. Tudo ao mesmo tempo que tive que andar a ligar e a desligar. E no meio de tantas ligações, é claro que as pessoas se perdiam, porque vi pessoas a não saberem ligar as coisas. Vi pessoas a perderem a realidade sobre tudo e todos. E vi um governo que não sabia ligar coisas a querer instalar uma Internet de Coisas e Antenas de 5G????????? E um Direito, que com um Código Civil e com um Código Penal não era capaz de se chegar à frente com a merda dos drones? Eu tinha drones a voarem em cima de mim e o Direito não dizia nada? Pior! O Direito sabia! E via os drones, por cima de mim, a sobrevoarem-me, como se fossem abelhas... Abelhas-robot????????? Bebés-robots????? Mulheres-robots que dão à luz bebês-robots???? Às tantas sou um robot. Tenho algoritmos básicos. Sou um robot-escritor. Estou sempre a escrever o mesmo. Parece que estou sempre a escrever o mesmo. Mas se estou sempre a escrever o mesmo, é porque eu queria ver o Direito que eu vi quando entrei na Faculdade de Direito. Parece que chegámos ao topo da iluminação e depois caímos a pique. Uma luz cegou-nos. Só pode. Ficámos cegos. O Direito cegou e nós cegámos com ele. Eu era cego pelo Direito. O meu namorado era o Direito. Eu deitava-me na cama com ele com os códigos na mão. Mas o cabrão traiu-me. Foi para cama com outros. Quando eu cheguei ao Direito,

aprendi que se uma mulher estivesse de bebé podia, sim, mentir para conseguir o emprego. Quando eu cheguei ao Direito aprendi que o Direito À Mentira era um verdadeiro direito fundamental! Quando eu cheguei ao Direito, nenhum empregador podia colocar câmaras a apontar diretamente os seus trabalhadores, nem os monitorizar através de aplicações. Como era óbvio, se numa entrevista me perguntassem se era verdade que eu tinha namorado, eu podia responder que a empresa não tinha nada que ver com isso, nem sequer me podia perguntar isso. Chumbei no último ano, porque tinha que abrir o manual de Direito de Trabalho, que não abri, de um regente que escrevia que a vida íntima do trabalhador, ainda que não tivesse qualquer impacto no desempenho profissional do mesmo, podia em qualquer momento ser conhecida e prejudicar a imagem da empresa, e que por isso, o patrão podia perguntar sobre o estado da gravidez da mulher candidata ou contratada ou perguntar ao trabalhador sobre os seus projetos de vida quanto a casar e ter responsabilidades familiares e a perguntar se o seu trabalhador era gay e se fosse gay se era passivo ou se era ativo ou se era versátil e gostava de levar e dar no cú.

— Tal e qual como os bancos perguntam...

— Pois, Thomas! Foi culpa destes senhores doutores que andaram a elaborar códigos civis, códigos do trabalho, constituições e orçamentos de Estado e num direito empresarial e bancário que inventaram como Cavaleiros Orçamentais assaltaram a lógica dos bancos. Bancaram os bancos com ideias estúpidas. Diziam que um gay não podia ser segurança noturno num lar de rapazes, sustentando esta sua afirmação com o maravilhoso “académico” argumento que “não valia a pena fazer apelos ao politicamente correto, nem crucificar os estudiosos que se limitam a relatar o dia-a-dia das sociedades” porquanto “o Direito viva de factos e não com ideologias”. Factos, uma ova! Era uma merda de preconceito que estes professores de merda, porque não posso chamar-lhes senão outra coisa, traziam enraizado das

escolas nazis onde tinham andado. Chamaram-me a mim e a todos os homens que amam outro homem, pedófilo e eu não lhes posso chamar professores de merda que não deviam estar a dar aulas numa faculdade de Direito? Ia o quê? Ficar a ouvir isto? Com os meus 28 anos ia ficar ali sentado a ouvir um professor a dizer que um gay não podia ser segurança à noite num lar de rapazes? O que ele estava a pensar por trás daquilo que disse é que um gay seria necessariamente um pedófilo ou tornar-se-ia um pedófilo num lar de rapazes à noite. Então e um segurança heterossexual num lar de raparigas? E num infantário misto? Talvez seja melhor para um infantário ou creche ou escola primária onde há crianças do sexo masculino e do sexo feminino termos um segurança do terceiro género ou que seja comprovadamente assexuado, que tal? Que paciência, para o Direito! Que inferno, de Direito! Os nazis mexeram com o Direito! Inventaram um Direito que fez sangue por todo o lado! Sabe o que são os nazis? São pedófilos! São muito inteligentes. Dizem que os outros são pedófilos, para poderem serem pedófilos por detrás de um fato e gravata. O disfarce perfeito. Mas com fato e gravata eu via que tinham cara de pedófilos! Eu sou um robot! Deteto tudo! Só de ouvir a voz de alguém, vejo logo se está com depressão. Só de ver a “grande testa” que esconde o cérebro, vejo logo se é canibal, nazi ou pedófilo. Odeio pedófilos! Quero lá saber se é uma doença! Quero lá saber! Se é uma doença deviam estar compulsivamente internados numa psiquiatria e não andarem a passear de fato e gravata numa Faculdade de Direito. Falavam mal das mulheres nos seus programas de Direito Processual Penal e Direito Penal IV? Só um pedófilo é que diz que um gay é necessariamente pedófilo. Só um pedófilo chama as mulheres de “canalhas” e “desonestas”. Só um estupor, um cabrão de merda, que não devia dar aulas na Faculdade de Direito pode dizer que as feministas são criminosas ou defender a inferioridade da mulher e o estatuto de submissão das mulheres e justificar a violência doméstica. Dizia e escrevia numa revista jurídico-científica de Direito Civil que a mulher tinha inveja de não ter nascido com uma pila, com o poder que a pila

dava ao homem e que por isso, as mulheres eram umas “ressabiadas” com um ressentimento de ódio e vingança que levava ao feminismo político, assumindo-se como “genocidas dos homens” e que as feministas eram como “nazis” de género. Eles chamavam nazi às mulheres e eu não lhes podia chamar nazis? Eles é que tinham andado na escola nazi. Por isso é que não abri o manual deles e chumbei a Processo Penal. Não ia ler coisas que tinham saído da mente-nazi. Não ia ler coisas da mente-nazi capaz de dar cabo da minha raça. E não era por eu não ter aberto o Código de Processo Penal ou um manual de Direito Processual Penal que isso significaria a morte jurídica da minha raça. Vi o Processo Penal ao vivo e a cores. (...) fui constituído arguido. A polícia bateu-me à porta para ir à esquadra prestar declarações por causa d’*As Joias da tia Giralda*, que deram um livro. Telefonei aos meus professores de Penal, a doutora Sónia e o doutor João. Antes de terem sido seus professores, foram primeiro meus professores! Estes brilhantes professores!

— O pai nunca me contou isso!

— Assim como apareceram lá no seu club a voar *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, também apareceram no tribunal como meus advogados. Eles nem estavam a exercer. Tinham suspenso a atividade na Ordem dos Advogados, porque estavam numa completa dedicação pelo Direito. Graças a eles é que o Direito passou de torto para Direito. Quem foi tirar os charros da boca do Direito foram estes brilhantes penalistas! Quando eles viram a armadilha tecnológica em que a minha própria família me tinha metido, eles foram tratar de abrir a atividade. (...) E também sabiam que eu só queria ter dinheiro para lhes pagar para serem meus advogados contra a Giralda no processo de difamação que eu queria abrir contra ela.

— O tio teve de passar por isso tudo?

— Sim. Sem vendas, sem nada. A ver tudo e a ver nada. A ter de ser um polvo e a ver que tinha de tentar as mil e uma hipóteses que eu vi. Vi tudo ao mesmo tempo. Vi que tinha mesmo que ser empresário. Que tinha de empresariar as minhas ideias e que o tinha que fazer sem capitais próprios, porque nenhum banco iria bancar as minhas ideias. Os bancos estavam a bancar os maus. Não estavam a bancar os bons. E eu precisava de financiamento. Precisava de financiar a minha voz. Porque eu via que a minha voz merecia ser financiada. E neste meu financiamento de ideias, eu sabia que tinha mesmo de conseguir um financiamento para me livrar de patrões que invocassem os regentes da minha faculdade, instalando câmaras e microfones no meu local de trabalho. Porque assim, eu não queria trabalhar! Assim, eu não ia trabalhar de certeza! Eu queria era dançar! Queria escrever! Escrever era o meu trabalho. Eu nunca tinha conseguido dizer, mas eu tinha de ter coragem de o dizer: eu era escritor. Eu afinal, era um escritor. Escrevia sobre tudo. Não conseguia parar de escrever. Só queria escrever. Só queria estar em paz para poder escrever aquilo que ainda não tinha podido escrever. Ainda não tinha tido tempo para me sentar, respirar, olhar à minha volta, chorar e escrever. Porque eu gostava de escrever a chorar. Gostava de dançar. Porque eu posso trabalhar a dançar, porque eu posso escrever a dançar e tenho o direito de trabalhar e escrever sem nenhuma câmara de vigilância seja por drone, seja por telefone, seja pelos olhos de um inseto pelo que seja, me limitar ou monitorizar a expressão.

— O tio escreve a dançar?

— Sim, Thomas. Escrevo a dançar. Faço tudo a dançar. Vivo a dançar. Critico a dançar. Até corro a dançar.

— Dance lá agora, pai! Dance! Dance! Dance!

— Eh, lá! Tio!!! Eh, lá!!!

— Dance mais pai, dance! Mexa essa bunda! Mexa! Mostre-me lá a raça desse seu bum bum! O Jakob não é paravilhão nenhum! Imagino esse bum bum a trabalhar ao colo do Jakob.

— Antoine!!!!

— Que foi, Thomas? Pensas que eu não sei que tu também não és paravilhão nenhum? Sei muito bem que estás sempre a olhar para o meu bum bum. Tenho o bum bum do meu pai, olha lá! Olha-me para ele, ainda não parou de dançar! É mesmo uma criança! Pai, nós já não vamos almoçar, vamos jantar... Como foi a outra vez, o nosso almoço vai ser é um jantar das 10 horas e tal...

— Não! Os meus melões! Ainda queria comprar melões verdes (...) na estrada (...).

— Não está a ver daqui, pai?... Já estão a barraquinhas todas da estrada a fechar...

— Não é verdade! Os meus melões! Que horas são?

— Horas de pedir desculpa ao restaurante por não termos ido almoçar e horas de marcar mesa para jantar.

— Quando eu era mais pequeno, todos os domingos ia com os meus pais almoçar (...). Gostava muito de fazer a estrada (...). Ficava tão feliz só por ir almoçar (...). À volta, parávamos sempre na estrada para comprar melões. A passar a ponte (...), para este lado, com a janela sempre a deixar-me sentir o vento tecnológico, via (...) com os meus 8 ou 9 anos (...) o comboio a passar rente ao rio (...). Parecia que já lhe sentia o maravilhoso cheiro enferrujado da linha do caminho-de-ferro. Sabia que no dia a seguir ia andar de comboio porque ia para o trabalho do meu pai. Como eu gostava de entrar pequenino no tribunal

com o meu pai. Achava que quem fosse juiz, magistrado ou advogado era dos bons e que os bons eram todos um exército da paz que combatiam todos pela mesma voz e que essa voz se chamava Direito. Achava que o Direito era universal e era igual em todo o lado. Podemos ser tão felizes na inocência e na simplicidade, não é? O meu pai nunca me contou como foram os tempos na Faculdade de Direito no tempo dele. Nunca me contou sobre broncas em que os regentes da Faculdade de Direito andaram metidos. Nunca me contou que antes da Ponte (...) ter sido erguida sobre o Tejo antes do 25 de Abril de 1975, a Faculdade de Direito tinha sido um verdadeiro campo de concentração, em que a Associação de Estudantes estava encerrada e proibida de funcionar e que as suas instalações eram vigiadas por seguranças heterossexuais, pedófilos e nazis que violavam com prazer a mente e o novo espírito jurídico dos miúdos. Um porteiro e vários contínuos eram da PIDE/DGS. Sabem o que era PIDE? Era uma polícia política capaz de entrar em minha casa às horas que quisesse e ler, rasgar e censurar toda a minha escrita e mandar-me prender e torturar-se se eu escrevesse sobre isto. Era uma polícia que se me visse reunido num piquenique com o Jakob, com o Thiago e com a Sarah que nos prendia ou nos mandava dispersar porque não eram permitidos ajuntamentos, nem telepatias, nem filosofias, nem magnitudes cerebrais. Eu não viveo o tempo da PIDE/DGS, mas com os recolhidos obrigatórios e com o confinamento obrigatório e com a proibição de ajuntamentos de pessoas na rua por causa do vírus tecnológico, parece que tecnologicamente pude ser teletransportado para esses tempos em que não vivi. Havia polícia de choque à porta da faculdade sempre pronta para chocar com novos pensamentos jurídicos. O meu pai nunca me contou, estive sempre calado pelo Sistema Velho, porque foi o Sistema Velho que o traumatizou quando lhe apontou uma arma para o manter calado, enquanto o violou. Soube depois com os meus 28 anos, através da sociedade de informação tecnológica. Para mim o comunismo é ver um exército de proletariado como se fossem robots chipados a gritarem “tudo pelo patrão, nada contra o patrão”. Para mim o comunismo é um

governo mandar o povo tecnológico (...) aplicações no telefone ou nos óculos de realidade virtual aumentada que têm acesso à câmara ou aos olhos e ao microfone ou aos ouvidos e ver o povo burro, estupidamente burro, estupidamente cego, a mandar instalar o próprio povo como se fossem robots chipados a gritarem “tudo pelo Führer, nada pelo Führer”. Isto é que é um comunismo de dados. Câmaras a filmar isto, quer dizer que estamos num comunismo de dados. Quer dizer que estamos numa ditadura comunista. De vomitar! Eu vomitava-me todo!

— Se o pai nasceu em 1992 e se isso foi em 1975, quer dizer que foi por um triz de 17 anos que o pai não se vomitou todo. Imagino o vómito jurídico. O vómito de leis.

— Com os meus 28 anos, tive de ver a Faculdade de Direito na boca das notícias pelas piores razões com regentes a darem cabo e a inverterem todos os direitos fundamentais da privacidade e da intimidade, da liberdade de expressão e do livre desenvolvimento da personalidade, a fazerem zoom à personalidade do nosso espírito. Regentes só a escreverem merda! Vi regentes a escreverem merda! Vi regentes a escreverem merda de novos direitos que destruíam, e destruíram, todo o Direito! O Sistema Perfeito veio consertá-lo! Veio dar uma mãozinha ao Direito, porque o Direito estava mesmo a precisar... E depois eu, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, tinha de andar a escrever por cima da merda que eles tinham escrito! Mas quantas vezes mais é que eu teria de escrever, deixar escrito, registar, deixar registado, que uma câmara ou um drone com câmara violam para além dos meus direitos de imagem, intimidade e privacidade, também o meu direito fundamental de liberdade de expressão? Se uma câmara limita-me os movimentos, limita-me os risos e as gargalhadas, limita-me as danças enquanto me divirto ou trabalho e se eu posso trabalhar a dançar, como divertir-me a trabalhar se tiver um bom patrão, como pintar a dançar, como escrever a dançar, uma

câmara contra o meu direito de não ser filmado, vigiado ou monitorizado não pode nunca, mas nunca vencer! Venha a merda de código que vier feito pela demoníaca mente ou pelo cérebro doente que perdeu a lucidez, não pode vencer a voz da razão nem o espírito inteligente! Porque o Direito é a voz da razão e tem um corpo alimentado por um espírito inteligente. É isto que é o Direito. Quiseram foi penetrar o Direito. Quiseram foi drogar o Direito. Como quiseram foder a Psicologia toda. (...) o mercado quis foder a Psicologia toda. E tive de ver tudo isto.

— E o pai não viu que quem tinha que mandar nisto tudo era o Direito e a Psicologia?

— (...) E eu vi o Direito e a Psicologia a serem os dois capturados pelo mercado. Por ter visto, é que quem hoje manda é o Direito e a Psicologia! Eu só quis informar o Direito e a Psicologia do que se estava a passar.

— Desculpe lá informá-lo, mas quem manda nisto tudo não é o Direito nem a Psicologia... Deviam ser... Mas quem manda nisto tudo é o Sistema Perfeito.

— E o que é o Sistema Perfeito, meu filho?

— Não é de certeza o Direito e a Psicologia que me dizem que eu tenho de pagar um imposto por não ter câmaras no meu estabelecimento comercial porque não estou a colaborar com o mercado de dados, que o estou a frustrar e sou um cancro da nova economia.

— Ó meu paravalhão...! Mas qual nova economia? O mercado de dados vem muito antes de 2018. Se não fosse o Direito e a Psicologia a hackearem o Sistema Velho, você hoje nem ao luxo se

podia dar de poder ter a liberdade de ter um estabelecimento comercial sem câmaras de vigilância. O Sistema Perfeito é muito lúcido e transparente em relação à tecnologia. Estamos numa liberdade tecnológica. Quem não se importa de ser processado sabendo que existe um mercado a processá-lo, o Direito não se mete. E eu acho muito bem, já somos todos crescidos e informados. Agora estamos todos informados.

— Deve estar a gozar comigo, só pode! O Direito está metido nesse mercado! Se eu não fosse “rico”, tinha drones a voarem-me por cima do meu jardim... Onde é que está o Direito e a Psicologia disto?

— Não sei o que é que você anda a ensinar aos seus alunos... Sabe muito bem que se um drone voar por cima de si, é um drone que não está a filmá-lo. É um drone de entrega, por exemplo, sem câmara de filmar. Sabe que há regras para usar drones... Estamos em 2080! Não estamos em 2020. Em 2020 e nos anos a seguir é que foi um stress. Foi um stress até chegarmos hoje aqui.

— Eu acho que o pai não está bom da cabeça! Não está a ver como as coisas estão... Deve pensar que isto é o *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Deve achar que não há uma dark net... A dark net é mais do que real!

— Hoje, temos uma polícia tecnológica e um tribunal tecnológico muito fortes capazes de bloquear uma dark net e verem quem é que está nela, conseguimos ver as ligações todas, quem está a aceder, sabemos quem são e quem vamos prender. No meu tempo é que não. Eu é que tinha que me preocupar com a dark net. Não são vocês. A dark net é do meu tempo. Não é do vosso. Não pode ser do vosso!

— Às vezes, juro que não o percebo. É tão lúcido, tão lúcido, mas depois parece que se perde na sua lucidez... Diz coisas sobre o Sistema Perfeito que não são verdade. Parece que não consegue ver os erros genéticos do Sistema Perfeito. A dark net é do nosso tempo! E digo-lhe mais, o Sistema Perfeito...

— Ai, cale-se! Cale-se! Erros genéticos? O Sistema Perfeito nasceu perfeito! Sem erros. A tecnologia é que pode ter feito erros nos seus genes. A tecnologia pode ter alterado os genes, não sei... Não tenho posto os pés no Sistema Perfeito, é verdade... Mas tenho a desculpa da idade... A última vez, foi... Foi porquê? Ah! Não me lembro! Como é que não me lembro!? Já me esqueci?

— Porque é preciso uma paciência para os teatros do pai!...

— A sério...! Parece que às vezes me esqueço das coisas... Será que estou mesmo a ficar velho? Só tenho ainda 88 anos... Pouco importa, também... Mas disse erros? Se há erros, é só editá-los. Afinal para que serve a edição genética? Não é para editar erros genéticos? Eu não vejo hoje erros nenhuns. Mas se vê erros, já que você está sempre a bater à porta do Sistema Perfeito, a próxima vez que entrar, entre e corrija os erros. Você pode corrigi-los. Não se esqueça que o Sistema Perfeito é muito democrático. É ainda mais democrático do que quando existia a chamada “Democracia”. Agora a democracia é outra. Estamos numa ditadura democrática. Quem dita são os algoritmos. Estamos numa democracia algorítmica. (...) estamos uma democracia tecnológica, ambiental, científica, económica, de ações e valores cotados na bolsa. Se calhar, é por isso que não gosta tanto como eu do Sistema Perfeito. Porque ainda não conseguiu encarar o facto de estarmos todos cotados na bolsa. Hoje, somos nós que somos a bolsa de valores. Os nossos dados valem imenso. Valem milhões. Mas, se você quiser, se você for inteligente, você pode ser o principal acionista dos seus dados. Pode, com os seus dados, construir uma torre

igualzinha à torre do Big Data d’*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom e ser dono da sua torre de dados. Pode até vender os seus dados, pode criar uma empresa com todos os seus dados e ser o sócio maioritário dos seus dados ou entregar a gerência por amor, da sua empresa de dados, ao seu marido. Foi isso que eu fiz. E foi o que o Sistema Perfeito, com a Psicologia de Mercado e com o Direito Comercial fizeram. Foi este o triângulo que eu vi e quis entrar com o Jakob.

— Que bonita história de amor só para dizer que ama e pertence ao Triângulo.

— São 3 os meus vértices: o amor, o Direito e a Psicologia. O Triângulo é feito disto.

— O Sistema Perfeito é tão amoroso, tão amoroso, que até de que instalar câmaras à porta para ver como o pai vê como ele é amoroso... Tão amoroso... Sabia que o Triângulo tem câmaras?

— Tem câmaras?

— Sim, pai... Tem câmaras...

— Ah! Não me diga... Mas quem é que as mandou instalar??? Terá sido o Xico? Não, o Xico não pode ter sido...(…) Será que foi o Jakob? O Vandame? O Russo? Ou será que foi alguém da sagrada irmandade? Talvez tenha sido alguém da sagrada irmandade... Vamos! Venha com o papá... Vamos já os dois falar com a sagrada irmandade do Triângulo para desinstalar as câmaras, porque o meu querido filho quer voltar a fechar os olhos no abrenúncio até os sinos pararem de tocar, não é verdade? Parece que se esquece, que o Sistema Perfeito foi hackeado por uma China que nos pontua a todos. Parece que se esquece que o Sistema Perfeito nesta Era tecnológica é o sistema que

mais direitos, liberdades e garantias nos dá. Olhe lá para fora! Saia do sistema e olhe lá para fora e veja como estão as coisas! É fácil esquecermo-nos que estamos “por dentro do sistema” e que é importante a Administração Pública, o Fisco e este Triângulo continuarem a ver-nos a ir à Basília da Rosa dos Ventos. Não se esqueça que lhe foi concedido um “crédito espiritual”. Ou pensa que eu não sei que também já não experimentou esta tecnologia dos dados? Experimentou, mas de uma maneira legal. Foi graças à sagrada irmandade do Triângulo que conseguiu capturar o espírito do Pietra, teletransportá-lo para sua Biblioteca de Almas e entregá-lo à Administração Pública como um algoritmo. Inventou um novo algoritmo. Patenteou a sua tecnologia. Registou.

— Tive de pagar o registo. Tive de pagar cada registo. Para registar cada coisa minha tive de registar. Os registos levaram-me à falência. Ter de ter dinheiro para poder registar uma coisa que é minha? Quando é que isto vai acabar?

— Nisso concordo, consigo. É horrível sermos um poço de ideias e um poço de criatividade, mas depois não podemos fazer nada com elas, porque não temos dinheiro para as registar. Talvez possamos fazer alguma coisa sobre isso... Agora contra o mercado negro internacional? Veja bem onde se pode meter e onde se quer meter! Não gosta do mercado negro, faça como eu, ignore-o! O Direito Penal Internacional é que tem de fazer alguma coisa! Você não é o Direito Penal Internacional! Quer ser tantos direitos ao mesmo tempo, pode ser, também fui, mas seja um desses direitos! Não seja todos ao mesmo tempo. Especialize-se. Especialize-se num. Você até já se especializou em 5. Não se especializou em Direito Penal Internacional. Mas alguém especializou-se. Seja um dos seus direitos. Use um dos seus direitos. Se for um desses direitos, pode dar ideias ao Direito Penal Internacional. Escreva, fale para ele. Mas se quiser defender mesmo os seus direitos, defenda-os primeiro junto do Sistema Perfeito.

— É o que eu ando a fazer...

— Então do que é que se queixa? Lá fora ninguém o ouve. Mas cá, o Sistema Perfeito ainda tem ouvidos para si. Sabe muito bem que em Portugal, pode andar de bicicleta sem ter de ter um telefone ou sem ter de ter um capacete inteligente e tem ciclovias construídas para si, que foi o Sistema Perfeito, com a sua Psicologia e com o seu Direito que mandaram construir para si. O Sistema Perfeito não o deixou de fora. Acha que lá fora, não ficava de fora? Talvez a Suécia ou a Dinamarca o compreendessem. Talvez a Noruega ou a Finlândia, hoje, nos compreendessem. Talvez hoje, os algoritmos das câmaras da Alemanha não nos prendessem e até nos convidassem para fazermos parte do programa de Inteligência Artificial que d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom conseguiu lá instalar. Mas ficámos em Portugal. Estamos em Portugal. E em Portugal, a tecnologia d'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom consegue chegar a nós. Como pode você não acreditar n'O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom?

— Mas eu acredito. Sei que ele é real. Mas gosto mais de *Júpiter* de Gabriel Garibaldi.

— Eu sei que acredita. (...) E sei muito bem que por saber que Ele é real, é que nunca vendeu criminosamente dados no mercado negro internacional.

— Não foi por isso que não vendi. Não vendi, porque não sou nenhum vendedor de dados.

— Mas você já vendeu dados.

— Não, não vendi.

— Vendeu ao Sistema Perfeito. Vendeu-se ao Sistema Perfeito.

— Não vendi nada ao Sistema Perfeito. Muito menos me vendi.

— Vendeu. Vendeu-se ao mercado. Afinal, você é um vendido!

— Mas vendi o quê?

— Vendeu a sua Biblioteca de Almas. A sua biblioteca é o quê? São dados espirituais. São espíritos. Você vendeu espíritos à sagrada irmandade do Triângulo. Você vendeu espíritos, porque você não tem medo dos espíritos. Porque sabe ser um espírito. Sabe estar verdadeiramente com o espírito nas coisas. Sabe ver que as coisas são económicas. Sabe ver que as coisas são jurídicas. Sabe ver que as coisas são administrativas. Sabe ver que as coisas são fiscais. Sabe ver isso tudo. E por saber ver isso tudo, como eu soube, é que entrou no mercado de dados, olhou para si e viu a mercadoria que toda a gente viu que você era e trazia e viu como toda a gente o viu como era uma mercadoria e viu como éramos todos uma mercadoria.

— Eu não acho que seja uma mercadoria.

— Pode dizer o que você quiser. Mas eu sei o que você sente e sei o que você vê, porque o que você viu, eu também vi através dos seus olhos. E não os chipei. Não chipei os seus olhos como todos os outros pais fizeram aos seus filhos. (...) nunca ouvi nem vendi gemido nenhum seu. Simplesmente fui um deus tecnológico e hackeei todos os microfones e todas as câmaras que pude e vi que você tinha nascido com uma tecnologia: com a inteligência. Não sei como é que você geme. Não sei como que é o Thomas o faz gemer. É importante eu não saber como é que o Thomas o faz gemer. É importante eu nunca ter ouvido a gemer. E quase que posso apostar que o mercado negro internacional por muito que queira ouvi-lo a gemer, não tenha tido o prazer de o ouvir a gemer e aposto também que nunca o ouvirá a

gerner, porque você é inteligente e nunca lhe dará esse prazer. (...) Como deus tecnológico que sou, sei muito bem que nunca vendeu dados no mercado negro internacional. Sei muito bem que não vendeu nem os dados do Pietra, nem os dados da Amanda, nem os dados do Guterres...

— Nem os dados do Briosio, nem os dados da Audrey...

— Sei muito bem que andou com eles e fingiu ser um deles. Teve que fingir para andar com eles. Às vezes, os bons têm de saber fingir gostar dos maus quando os maus exercem uma certa tensão no espírito. Sei muito bem que sabe o que é o mercado negro internacional. E sei muito bem que sabe quem é que lidera esse mercado. Sei muito bem que sabe como são poderosas as alianças que lideram esse mercado. São espíritos malignos. São espíritos malignos que nos querem devorar com uma enorme tusa o nosso sagrado espírito. Os espíritos malignos sabem como é sagrado o nosso espírito. Mas só se pode agarrar ao espírito do Direito e rezar para que o Direito ganhe o braço de ferro. Não se esqueça que quando há um mercado, há uma pressão de mercado e essa pressão sente-se sobretudo no Direito. Não se esqueça que o mercado é internacional. A pressão vem lá de fora. Não se esqueça disso. Há braços de ferro que se têm de fazer. O que eu defendo, é o que o Direito tem de ter músculos para este braço de ferro e tem de estar lúcido e não se pode andar a drogar com os drogados que fomentam o mercado negro. Mas você é inteligente, sei que sabe tudo isto e sei que sabe que eu sei. Olhe para esta liberdade! Entenda-a de uma vez por todas! Estamos aqui sem drones! Eu tive de pagar um preço por isto! Não há drones por cima de nós! A tecnologia, a si, não o persegue nem o captura e quando o captura você sabe que direitos pode acionar. Você tem um Direito dentro de si. Tem uma força muito poderosa dentro de si, que se chama voz. É importante não se esquecer disso. Às vezes podemos esquecer-nos. Não é o que anda a ensinar aos seus alunos? O Direito ao Esquecimento? Exerça-o! E faça

um “refresh”. Não se esqueça é de viver! Seja o que queira defender, não se esqueça é de viver! Não se esqueça sobretudo, é de ver como estão as coisas. Eu já vi tudo. Eu vi um Regulamento de Proteção de Dados completamente fantasma e ilusório a aparecer “do nada” e a permitir a circulação e o tratamento de dados. Vi o Direito a permitir a livre circulação de dados e não a impedir! Depois vi o Direito a impedir. Depois vi o Direito a processar. Depois vi o Direito a regular. Depois vi o Direito a comercializar. Vi câmaras de vigilância a serem instaladas nas igrejas (...)... Mas em 2019, eu não sabia quem é que operava as câmaras. Sabia lá quem é que estava por detrás dessas câmaras! Fazia lá ideia do que é que ia na mente dos operadores de câmara! Sabia lá como é que processava o cérebro dos operadores! Mas hoje em 2080, eu sei quem são os cérebros. Estou ligado numa Internet de Coisas com os cérebros que operam. Estamos todos a ver o processamento das coisas em tempo real. Só não vê quem não quer. Onde eu vou ou onde eu estou, eu sei que tecnologias estão à minha volta a processar o meu espírito. Conheço os algoritmos e os operadores das câmaras de vigilância. Não me meto debaixo de uma câmara, nem deixo uma câmara filmar-me se eu não sei quem está por detrás a ver-me e sem saber exatamente o que vai acontecer aos vídeos com as minhas imagens. Se eu vou onde eu vou e esse sítio onde eu vou tem câmaras, eu sei o que está a ser filmado, conheço os ângulos, conheço a sofisticação, o zoom, a focagem, a Inteligência Artificial, porque como robot tive de saber ligar-me com alguma artificialidade a toda esta inteligência que parece que não nos governa, mas que nos governa.

— Não o percebo, pai... Parece que de repente começa a falar com uma arma apontada à sua cabeça. Às vezes, não parece o pai a falar.

— Não percebe a minha idade? Ou não percebe que eu só quero é ser feliz e poder escrever e dançar livremente até aos 120 anos?

Sabe porque é que eu sei que vou viver até aos 120 anos? Porque o banco concedeu-me um empréstimo para 120 anos. Sei que os meus telómeros vão chegar, pelo menos, até aos 120 anos e que o banco confiou na minha telometria. E eu confio no Bank (...). Por isso é que entreguei os meus genes ao Bank (...). Não entregaria a nenhum outro banco senão ao Bank (...). Só eu posso aceder online à minha telometria (...). E se outro ente quiser comprovar o meu espírito genético, eu posso partilhar o link da minha telometria de forma segura. O sistema informático do Bank (...) é do mais encriptado que há! Não há melhor encriptação! O Bank (...) encripta-nos as ideias, encripta-nos o espírito, encripta-nos os genes, encripta-nos as danças. É o banco que nos banca o espírito, as ideias para podermos dançar. Às vezes, podemos precisar de um banco para podermos dançar. Às vezes, temos de dançar para podermos vender. E no meio de tantas danças, a nossa tem de vencer, para podermos vencer. Porque nós vencemos com a nossa dança. E eu entrei a dançar na Faculdade de Direito a um ritmo jurídico que me fazia bater o coração e que me alimentava o espírito e me dava sangue ao corpo. O Direito é feito de sangue, sabiam? Vi contratos a serem celebrados e a serem assinados com sangue. Vocês sabem como é que os vampiros contratam não sabem? Sabem como é que os morcegos vampiros fazem contratos não sabem?

— Eu sei, pai.

— E o Thomas?

— Não sei, tio.

— Os morcegos vampiros quando regressam à gruta sem terem chupado o sangue de nenhum animal, pedem sangue emprestado. O morcego vampiro que empresta não se esquece que tem um crédito e assim que souber que o morcego vampiro devedor tem

sangue, vai lá reclamar o seu crédito. Muitas vezes, o devedor vai pagando em prestações de sangue sem ser interpelado pelo credor.

— Mas aqueles morcegos que nós fomos ver às grutas da Serra (...) alimentavam-se de sangue?

— Esses não, Thomas. Em Portugal não há morcegos desses. Os nossos morcegos comem fruta e insetos... São tão mansos! Se eles não fossem portadores de tantas doenças eu fazia-lhes festas. Eles são tão tecnológicos, que sabem que são portadores de doenças que nos protegem com a sua tecnologia, sobrevoando-nos sem nos tocarem. E foram culpá-los da propagação do vírus tecnológico 2020? Coitados!... Os culpados foram os vampiros do nosso sistema. O sistema de crédito é feito de sangue. Há quem se suicide por causa das dívidas e por causa dos vampiros. Mas a base de um sistema monetário, ainda por cima com vampiros a deambularem é precisamente o endividamento. Precisamos de nos endividar para escaparmos aos vampiros, que ao alimentarem-se permanentemente de capitais, alimentam o sistema de capitais. O sistema está sempre a emitir capitais. O sistema está sempre a emitir moeda. Se a moeda está sempre a ser emitida e se nos temos de alimentar da moeda e vemos a moeda a ir para ali e para ali e para fundos e a ser injetada ali e ali, nós também vamos querer moeda. É normal, num sistema que é feito de capitais, pedirmos capital emprestado. A dívida é a base do sistema. Nós temos de nos alimentar. Se não temos dinheiro para nos alimentar, não vamos roubar, vamos ter de contrair um empréstimo. O dinheiro é como o Direito, é feito de sangue. O Direito já fez derramar muito sangue. Hoje parece uma medicina. Hoje, o Direito é basicamente a Medina de Precisão. A Medicina de Precisão parece o Direito Constitucional ou o Direito Administrativo do meu tempo. E eu vi esta transformação. Vi as coisas a transformarem-se, a tomarem outro rumo completamente diferente. Vi o Direito a remar contra as ondas. Quer dizer, eu é que estava a nadar contra a nova corrente do Direito. O Direito começou a gerar

novas ondas. Talvez, por isso, é que eu tenha ido apanhar ondas para ao Praia dos Bodyboarders. Para ganhar forças, para apanhar as ondas do Direito. O Xico dizia sempre que eu estava a ficar cada vez mais forte, com músculos. E o Abreu apalpava-me o rabo e dizia-me que por causa do bodyboard estava a ficar com um cú do caralho! Se apanhava ondas na bruteza que era a Praia dos Bodyboarders, não ia apanhar as ondas de merda que o Direito estava a dar? Tinha de apanhar as ondas. Tinha de as apanhar. Apanhava-as, mas não dava o cú ao Direito! Nunca dei o cú ao Direito! Vi muitos a darem-lhe o cú! A ajoelharem-se! Vi como o Direito gostava de orgias. Vi como o Direito gostava de fumar charros. Vi muita coisa com os meus olhos que não queria. Mas também não queria que o Direito me mandasse cegar. Por isso, fiquei calado, quando tinha de ficar calado. Representei. Fiz teatros. O Direito é um teatro! Só que é um teatro que manda na vida! Há teatros que mandam nas nossas vidas! Eu vejo teatros que mandam em mim. Talvez, por isso, é que a minha vida sempre foi um teatro. Porque vi o teatro do Direito. Vi o teatro do Direito e fiz da minha vida também um teatro. Porque se o Direito, afinal, era um teatro, então toda a minha vida ou era ou tinha de ser um teatro. Se não era, olhem, transformei-a, pronto. Pelo sim, pelo não. Vi vampiros em verdadeiras orgias jurídicas com os cantos da boca num nojo de leis esporradas com sangue. E ainda tinha de os ver a olharem para mim pervertidamente e a rirem-se e a passarem as línguas deles por todo aquele demonismo? Eram demónios. Se não eram demónios, eram vampiros. Vampiros no Direito? Mentira! Era mentira! Ou era mentira ou era um teatro. Não eram vampiros. Nem era orgia nenhuma. Eram atores. Era um debate parlamentar. Eram atores políticos. Estavam num legítimo e democrático teatro político. A democracia que eu vi... Atores que gostavam de fazer leis e brincar com a vida das pessoas, como Cavaleiros Orçamentais. Faziam leis orçamentais sem qualquer relevância orçamental. Assaltavam o Fisco e as Finanças Públicas, o Banco e a Banca. Bancavam os bancos com as suas ideias. Emprstavam dinheiro. Emprstavam sangue. Emprstavam dívidas.

Emprestavam suicídios. Vi uma reencarnação de coisas. Vi o Direito a reencarnar noutra coisa qualquer depois de ter sido mordido por um vampiro. Vi vampiros à volta do Direito. Vi o Direito a resistir, mas depois vi o Direito a ceder. E vi o Direito a ir para a cama com os vampiros. Vi os vampiros a levarem o Direito. Vi os vampiros a poremlhe charros na boca, a cuspiremlhe e a esporrarem-lhe para cima e vi o Direito a gemer de prazer. Quando ouvi o Direito a gemer, corri, fugi. Chumbei, porque fugi. Mas ao menos, fugi. Simplesmente corri. Tinha de me pôr a correr dali para fora. (...)

(...)

Para ver os outros demos desta obra, na página dos Member Writers no site da Jupiter Editions [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) vá à subpágina do autor e clique nos botões dos vários demos.

Este demo foi publicado pela Jupiter Editions em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) pela primeira vez no dia 25 de abril de 2021 e republicado no dia 14 de outubro de 2021 pelas mãos e vontade do autor para a apresentação, divulgação e tradução do seu verdadeiro espírito contra qualquer deturpação.

Não passe a mensagem deturpada!

## Passa a Missão Jupiter Editions!

**Uma ~~Missão~~ de Paz! Uma Escrita pela Paz!**



**JUPITER  
EDITIONS**

**Não deixe o espírito deste  
autor morrer.**

**Está nas suas mãos não  
deixar o espírito deste  
autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor  
para o IBAN  
PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**O seu donativo é muito importante  
para proteger a qualidade de  
escrita do autor e não deixar o  
espírito do autor morrer.**

**Não deixe o espírito deste autor  
morrer.**

**Está nas suas mãos não deixar o  
espírito deste autor morrer.**

**Faça um donativo ao autor para o  
IBAN**

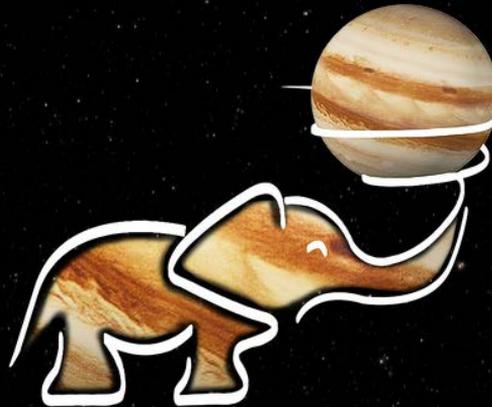
**PT50 0010 0000 58544220001**

**ou MB WAY 965108603**

**Missão Cumprida!**

**Passa a Missão [online!](#)**

**[JUPITEREDITIONS.COM](#)**



**JUPITER EDITIONS** [.COM](#)